

MC CAROL: CORPOS INFINITUS QUE ECOAM EM CANTOS DE FUGA?

Beatriz Pimentel¹

Fátima Lima²

RESUMO

Considerando o percurso histórico do racismo patriarcal cisheteronormativo, a Mc Carol de Niterói pertence ao grupo ao qual tal sociedade deseja e espera se manter na subalternidade e no silêncio: as mulheres negras. Por isso temos como principal objetivo trazer a discussão da letra “Levanta Mina”, onde a funkeira transpassa estas barreiras. A proposta tem como fundamentação metodológica a invenção da fuga – como outro tipo de rota de vida, rebeldia e a ideia de corpus infinitus que se localiza dentro de um espaço-tempo. Entendemos que o corpo negro tem suas inúmeras formas de ser e existir neste mundo, por isso acreditamos que Mc Carol para além de um corpo negro no funk é um também um corpo que narra e fala através de suas performances.

Palavras-chave: Mc Carol, Fuga, Funk Carioca, Mulheres Negras

- 1 Beatriz Carvalho Pimentel: Mestranda no Programa de Relações Étnico-Raciais (PPRER) - (2022) no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) sob orientação da Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Lima Santos. É pesquisadora bolsista pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior). Bacharela em Comunicação-Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR) - (2017) e Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro - Campus São Gonçalo (IFRJ-RJ) - (2019). Desenvolve estudos sobre raça, gênero e sexualidade no grupo de Pesquisa Ori/CNPq, uma parceria do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais e Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - UFRJ. E-mail: beatrizcpimentel07@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/9142564002110931>
- 2 Maria de Fátima Lima dos Santos: Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/IMS/UERJ. Pós Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS do Museu Nacional/UFRJ. Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Campus Macaé. Professora do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada-(PIPLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico - Raciais/ CEFET/RJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia e Ecologia Humana - EICOS - Instituto de Psicologia da UFRJ. Fundadora do grupo de Pesquisa Ori/CNPq, uma parceria do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais e Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - UFRJ. E-mail: fatimalima4@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/173759455744940>.

INTRODUÇÃO

O ato de falar implica em várias resultantes, é sobre o que e como transmitimos nossas mensagens; mensagens estas que podem se tornar chaves para reflexões, pensamentos e até mesmo gerar críticas sobre algum assunto pertinente à sociedade brasileira e construção de

imaginários. No mundo artístico-musical não é diferente, as mulheres sempre desempenharam um papel relevante na construção de sentido a partir de suas composições e cantos, uma vez que o campo artístico é estruturado pelas engrenagens do colonialismo e do racismo patriarcal cis-heteronormativo. O processo de composição para cada artista no gênero musical Funk Carioca é diferente, existe um propósito e uma estética para cada letra, podendo alcançar muitas pessoas, como jovens e adolescentes. São nessas narrativas que encontramos boa parte da trajetória histórica, social e política do Brasil.

Um dos principais fatores que nos chama atenção é o lugar em que os corpos de mulheres negras ocupam frente à sociedade brasileira. Não somente tratando-se de uma vida, mas de corpos que carregam marcas, desejos e virtudes. Aqui incluímos desde a sua libertação sexual, bem como as desigualdades sociais que lhes incomodam. Um corpo que é antes de mais nada - sujeito, narrativo, político e racializado. Pensar nesta voz é também dialogar com a massa de população negra que reivindica direitos através da música, ou seja, através do Funk.

Acompanhando um cenário desviante do padrão heteronormativo buscamos compreender de que forma a voz de mulheres negras possam vir a se tornar um elemento para a construção de novos pensamentos críticos raciais. Entendendo que o mercado fonográfico pouco tem a oferecer, dentre outros gêneros musicais periféricos, bem como para artistas como Mc Carol. A partir desse motim, levantamos alguns questionamentos que nos auxiliará na construção deste pesquisa. Pode-se interpretar o ato criativo como resultante das vivências socioculturais, já que a criação é a imagem de uma subjetividade do artista enquanto um ser social? Em que aspectos essa pesquisa pode apontar novos horizontes para a construção crítica e política sobre práticas disruptivas de mulheres negras no campo da música? Mc Carol pode ser uma voz que ecoa num Corpus Infinitus? Quais são as rotas/cantos de fuga pelas quais essa artista se movimenta? Vale ressaltar que este trabalho está sendo desenvolvido de forma completa na dissertação de Mestrado, cuja aluna ainda está em fase de escrita.

Colocar esta figura artística, MC Carol de Niterói como chave de leitura para pensarmos as práticas dissidentes de mulheres negras na música se faz caminho preponderante de uma voz que não só tem ocupado eventos mundiais, mas que

têm sido referência para discussões a respeito da pauta sobre a autonomia das mulheres negras numa perspectiva sociorracial encabeçada por uma educação ant. É também uma opção de análise justamente para criarmos pontes entre Corpus Infitutus, Raça e Performances Negras.

METODOLOGIA

A proposta metodológica configura-se em um estudo qualitativo de caráter bibliográfico. O enfoque dado será a partir da composição “Levanta Mina” (2021) por Mc Carol através de seu trabalho artístico-musical. Enfoque na contextualização teórica sobre fuga, performance, Corpus Infitutus e participação de mulheres no funk. Essa etapa consistirá em tecer reflexões sobre a performance numa perspectiva feminista e contra-colonial das relações étnico-raciais presentes nas letras e poéticas bem como outras temáticas que se projetam na obra da Mc Carol.

REFERENCIAL TEÓRICO

A funkeira expressa em suas poéticas, performances e poesias, relatos de violências às quais as mulheres negras estão sistematicamente submetidas. Ela aponta o próprio corpo da mulher negra como o Espaço-Tempo para revisitar as memórias das marcas da violência total da ordem colonial e patriarcal. Denise Ferreira da Silva enfatiza: “A Poética Negra Feminista vem-a-ser, existe aqui, num Mundo Implicado cuja imagem é a Poética sem fim: isto é, como Corpus Infitutus, a existência para o além do Espaço-Tempo, onde A Coisa resiste dissolvendo qualquer tentativa de reduzir o que existe e acontece aos registros do objeto, do outro ou da mercadoria”. (FERREIRA da SILVA, 2019, p. 108/109).

Ao advogar por uma figuração da performance da mulher negras sem o Espaço-Tempo, Denise cria ponto de conexão com a proposta da Performance do Tempo Espiral de Leda Maria Martins (professora, dramaturga e poeta especialista nas artes negras cênicas), pois, se vivemos num tempo presente grávido do passado e o futuro, “A Poética Negra Feminista vem-a-ser, existe aqui, num Mundo Implicado”.

A artista e ativista se posiciona dentro do campo musical de modo a não se deixar capturar pelos moldes capitalistas que regulam, reduzem e dinamizam o cenário da indústria artístico-cultural. Suas performances expressam caráter desviante. Esses aspectos podem estar relacionados com o que Harney e Moten

afirmam: “a pretitude opera como modalidade de constante escape da vida e toma a forma, o padrão sustentado e errante, de fuga.” (HARNEY, MOTEN, 2019, p. 115).

A dramaturga Leda Martins também dialoga com Fred Moten no sentido de agenciamento e autonomia de um corpo que é performático e que carrega consigo uma oralitura construída por uma artista que carrega sentimentos e desejos. Em “Performance do Tempo Espiral - poéticas do corpo tela 2021”, ela define oralitura como um “ciclo de expressão e poder” (MARTINS, p.93, 2021) que se traduz na palavra não só grafada, mas em uma voz que acredita no que diz e do que seja possível criar. E assim ela nos permite confabular com o que Stefano Harney e Fred Moten chamam de “A Irredutível Sonoridade das Vozes Negras”.

Destarte, podemos linkar a irredutibilidade das vozes negras pelo estraçalhar da máscara de Anastácia e ao erguer das vozes das pessoas negras para o romper do silêncio. O ato de falar se reverbera para além da máscara de flandres (constituída também na obra-viral “Anastácia Livre” (2019) do artista visual Yhuri Cruz que influenciou as produções de intelectuais renomadas como Conceição Evaristo e Grada Kilomba) e ecoa num Corpus Infinitus fora do Espaço-Tempo. A imagem de Anastácia sem a máscara e os cantos da MC Carol podem ser posicionados como chaves de leituras para refletirmos sobre o que as Mc’s mulheres no universo funk carioca, têm se proposto a escrever, mas também a falar e relatar em suas composições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A composição *Levanta Mina*³ foi produzida com a Dj Thai, cujo lançamento foi em 15 de janeiro de 2021, há dois anos atrás - nas plataformas digitais como Youtube, Deezer e Spotify. Esta música possui um videoclipe com a direção Executiva de Ana Paula Paulino e Isaura Paulino (Ubuntu Produções) que acompanha a letra. O intuito não é dar enfoque a uma análise frente as imagens apresentadas em videoclipe. Nossa preocupação é com a performance por trás das letras e quais assuntos levantadas por elas. Nas próximas, esta mesma situação se repetirá. As imagens utilizadas aqui farão uma alusão ao videoclipe que poderá ser visualizado em outro momento pois quaisquer pessoas.

3 *Levanta Mina* está disponível neste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=5EUBHEh5Ue8>>. Acesso em: de outubro de 2023.

Imagem do Videoclipe Levanta Mina



Créditos: Carol Meirelles e Afroafeto

A música *Levanta Mina* foi lançada separadamente, mas faz parte do Álbum *Borogodó*, de 22 de julho de 2021 contendo 12 músicas gravadas em estúdio. A funkeira contou com apoio do Fundo Vozes Negras uma proposta internacional do Youtube que incentivou 35 brasileiros em 2021 para expansão de narrativas inovadoras que pudessem compartilhar suas histórias e suas música. Esta música se destaca por assuntos que muitas das vezes são complexos, como a busca do amor próprio, o debate a gordofobia, a falta de representação de mulheres negras em programas televisivos, as pautas LGBTQIAPN+, o padrão ideal de corpo e a autoestima.⁴

Logo na primeira estrofe da música Mc Carol conta que *ser negra e gorda é virtude*, porém não podemos deixar de pontuar as questões que permeiam a funcionalidade do corpo. O corpo carrega marcas sociais e histórias que podem ou não ser julgadas pela sociedade. Trazendo para a realidade brasileira, o corpo feminino negro ultrapassou estas marcas, servindo aos senhores de engenho e até mesmo a saciação sexual. Segundo Nogueira (1999) “o negro não era persona. Não era um cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravo, não era pessoa”. Portanto, o mesmo valia para as mulheres negras que:

Não podiam, pela condição de mercadoria, se vincularem afetivamente, apenas funcionavam como máquinas reprodutoras. Seus filhos não lhes pertenciam, quase sempre eram vendidos, o que era determinado pelo interesse do senhor. Tinham como possibilidade de exercer sua “função materna”, quase sempre enquanto amas de leite do filho do senhor. Isto é, a mulher negra é historicamente

⁴ A sigla faz referência a população de: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e Não-binárias e mais. Ela faz referência a identidade de gênero de pessoas que não pertencem a binariedade entre masculino e feminino.

desinvestida de qualquer possibilidade que a permitisse exercer sua feminilidade. (NOGUEIRA, 1999, pg. 44)

Imagem da Letra no Videoclipe Levanta Mina



Créditos: Youtube / Carol Meirelles

O segundo aspecto que a funkeira faz referência é que a todo momento estamos nos comparando com as produções alheias, por isso precisamos dar valor para o que fazemos também. Entender que nossas conquistas, pequenas ou grandes sejam comemoradas. A funkeira ainda reforça que é importante estarmos atentos para nossos olhares, nossos caminhos e o que pensamos, pois é a partir disso que a virtude do autoconhecimento se transforma em um levantar.

Pensar neste corpo que foi quebrado é também imaginar outros cenários para que não os de aniquilação e exclusão. A corpa é também uma linguagem que se comunica em suas mais infinitudes. Nossos cinco sentidos fazem parte de uma tecnologia comunicativa: o tato, a visão, a audição, olfato e o paladar são uma das formas de expressão humana, ou seja a Corpa também fala. A Corpa de Mc Carol é um “corpo-tela” – um corpus cultural que, em sua variada abrangência, aderências e múltiplos perfis, torna-se locus e ambiente privilegiado de inúmeras poéticas entrelaçadas no fazer estético. (MARTINS, 2021, pg. 80).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Delimitamos os Cantos de fuga como plano artístico-libertário. Aqui esta terminologia é interpretada como a criação de um novo espaço onde Mc Carol consegue alicerçar suas incógnitas, revoltas, desejos, anseios neste mundo ordenado. Mundo este que a todo momento precisa de ordenação, mas que não consegue resolver as problemáticas que perpassam a violência racial. Não estamos levando

em consideração o processo de resistência que pode nos levar a morte, mas sim, possibilidades de se existir/ser/criar em uma sociedade racista. A fuga também é outra ferramenta metodológica.

Estamos a todo momento fugindo de algo, de alguém, de alguma situação. Por muitas das vezes larguei, deixei o texto solto, criei inúmeras tarefas para não precisar escrever. Para não me sabotar, para insegurança não me afetar. Não faço das escritas de Guattari Derridá já sinalizadas em linhas de fuga. Não pontuo e nem aloco esta funkeira como fugitiva, porque ela não é e também não sou, esta proposta é dinâmica, atemporal.

De tanto ser mutável, Cantos de Fuga também é sobre rebeldia teorizada por Saidiya Hartmann, não se acostumar com aquilo que é dado, com as desigualdades, abusos, fofocas, mesquinhas. É sobre entrega, escuta, grito, sentimento, desabafo, teimosia. “É quando há pouco espaço para respirar, quando você se vê condenada a uma vida de servidão, quando o lar da servidão assoma em qualquer sentido que você vá. É a infatigável prática de tentar viver quando você nunca foi destinada a sobreviver”.

O protagonismo da Corpa Preta se complementa com aquilo que Flávia Meireles, nomeia como Corpes Dissidentes, ou seja, corpos/corpas/corpes situam-se fora de uma norma esperada de ocupação de espaços de poder, questionando (ou enunciando essa possibilidade de questionar) diversos aspectos dela, sem serem percebidos como marginais ou subordinados.

Do reality ao cinema, Carol é uma corpa dissidente, desobediente, altiva porque não se preocupa em cumprir com requisitos, muito menos a agradar ao cenário da indústria fonográfica. É uma voz que incomoda, polemiza e traz o que poucas pessoas teriam coragem de dizer: a revolta da funkeira em seu complexo sentir e ser.

Pego emprestado as palavras de Lélia Gonzalez em Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, texto de 1984. “O lixo vai falar, e numa boa” fazendo uma referência a língua e o porquê de mulheres negras serem silenciadas durante décadas. Portanto, querida Lélia, o lixo não só vai falar, mas vai cantar também. Esta escritora tão importante e cara para nós, mulheres negras que duramente tentamos produzir conhecimento científico em nosso país. O pretuguês solidificado no funk.

Também trago um fragmento das palavras de minha orientadora que tece um breve comentário sobre a importância de termos um olhar amplo sobre as nossas propostas acadêmicas. Não temos como refletir e discutir sobre a performance preta nos brasis sem considerar a maquinaria da colonialidade, sem entender que ela é um analisador necessário para que possamos redesenhar as relações socioraciais que nos marcam e redefinem os diagramas de poder instituídos através

das possibilidades de conspirações e outras fabulações. A performance preta me permite entender que Mc Carol denuncia, expõe e critica a realidade de vidas faveladas através do funk. Portanto, cantos de fuga é um ato de coragem.

Inúmeras vezes cantei, Levanta Mina, Levanta Bia para me fazer acreditar no que estava produzindo. Este é uma pequena parte do que tenho tentando escrever na dissertação. Enxergo as inúmeras questões envolvidas: sexualidades, estereótipos, estudos queers, etarismo, representatividade, ou seja uma reivindicação coletiva de corpos que almejam viver, com qualidade e garantias de políticas públicas que possibilitem a equidade, acesso, respeito, voz e vez. Mc Carol continua polemizando em suas letras misturando pop, trap e funk. Algumas pessoas vão continuar dizendo que isso não é música e que nada tem a ver com cultura. E por aqui, continuarei contrariando as estatísticas, escrevendo sobre ela porque já não entendo este cerne de pesquisa de forma individual, mas sobre inúmeras mulheres que ainda não descobriram o seu lado audacioso.

AGRADECIMENTOS

Sou grata: aos encantados, entidades, orixás e todos os seres de luz por terem me guiado para que eu conseguisse chegar até aqui.

Sou grata: A CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que atua no aperfeiçoamento e financiamento de estudantes negras, que assim como eu, que sonham com um futuro melhor.

Sou grata: A todas as pessoas que um dia riram ou descreditaram deste trabalho e até mesmo do meu potencial, pois foi desta energia que tomei fôlego, coragem e foco.

Sou grata: Fátima Lima por confiar e acreditar em minhas ideias e principalmente por me incentivar na escrita, me fazendo acreditar que posso alcançar tudo o que eu quiser, desde com os pés no chão e com humildade.

Sou grata: Antonilde Rosa Pires – por me fazer entender sobre lealdade, perdão, confiança, dororidade e términos, coisas que só a faculdade da vida ensina.

Sou grata: Aos meus familiares, principalmente a Minha Mãe (*in memorium*) que sempre apoiou os meus estudos, dizendo que ninguém poderia me tirar o conhecimento.

Sou grata: A Flávia Meireles por ser tão carinhosa e afetuosa neste processo complexo e cheio de reviravoltas.

Sou grata: A Carolina Rocha (Dandara Suburbana) que me fez viver novamente e entender que ‘o afeto é o maior feitiço’.

Sou grata: A todas as minhas ancestrais que já partiram deste plano.

Sou grata: A Jade Alcântara Lobo por segurar a minha mão – quando poucas pessoas seguraram.

Sou grata: A minha psicoterapeuta – Flavi, por cuidar de mim e desta cabeça geniosa.

REFERÊNCIAS

FERREIRA da SILVA, D. “II. Para uma Poética Negra Feminista: A questão da Negritude para o (fim do) mundo”. In A dívida impagável. São Paulo: Casa do povo, 2019, p. 121-148 /149-188.

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223 - 244.

HARTMAN, S. Vidas Rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais; tradução Floresta. – São Paulo: Fósforo, 2022

MOTEN, F; HARNEY, S. “Negritud y Gobernanza”. In Los Abajocomunes. Planear Fugitivo y Studio Negro. México: Rancho Electrónico, 2018. p. 71-90.

MARTINS, L. Perfomances do tempo espiralar. Poéticas do corpo-tela. 1ª impressão – 2021 – Cobogó –

MEIRELES, F. Corpos/Corpas/Corpes Dissidentes e a Cena Artística: Políticas da diferença. In: Moringa – artes do espetáculo. Volume 11, número 1, 2020. p.33-47

NOGUEIRA, I. O corpo da mulher negra. Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIII, nº 135, 40-45. Encontro Sul-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise em São Paulo, 1999.